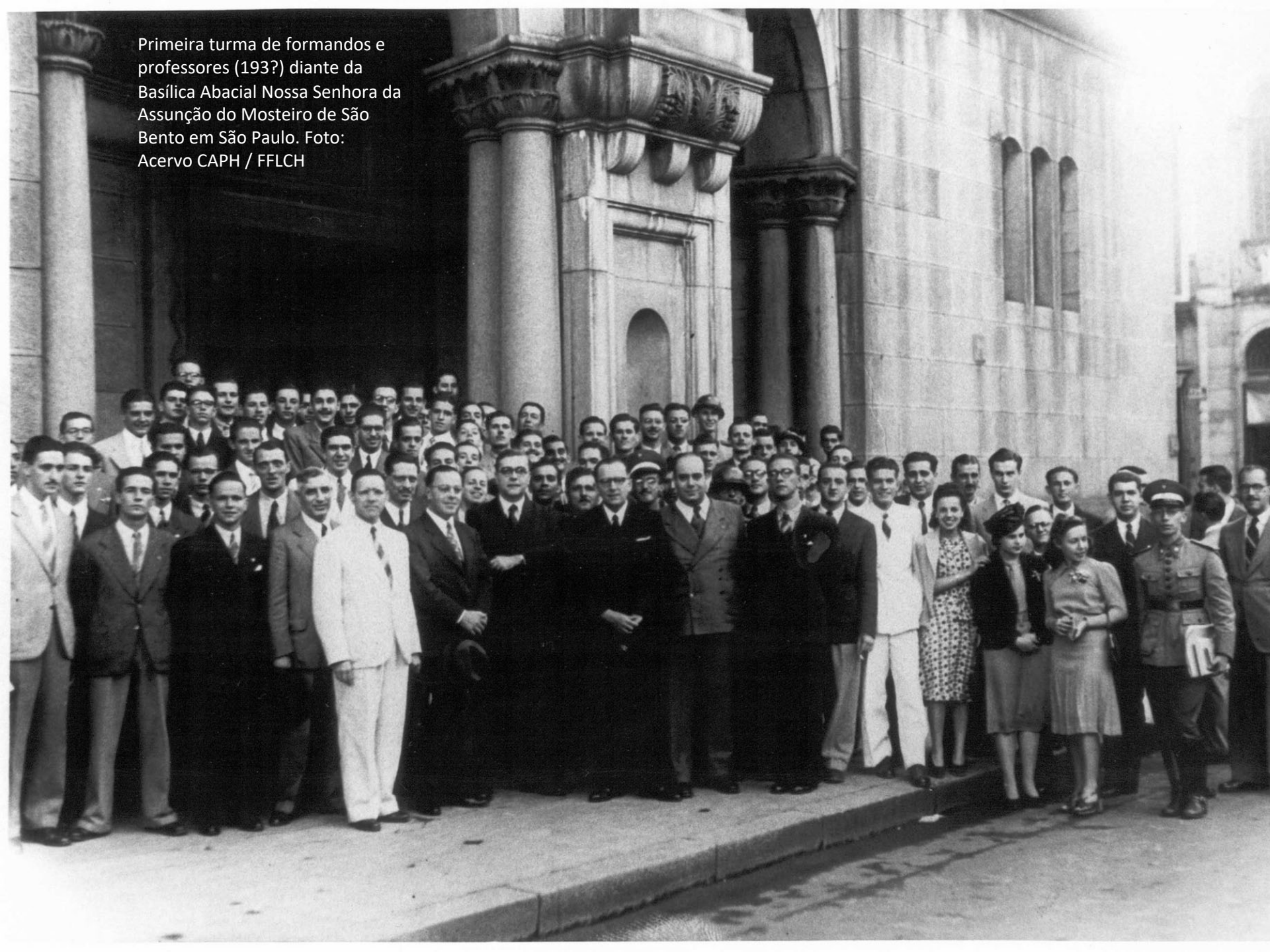


IEB0269 – A Formação do Estado Brasileiro Projetos, Políticas e Tensões (1822-1889)

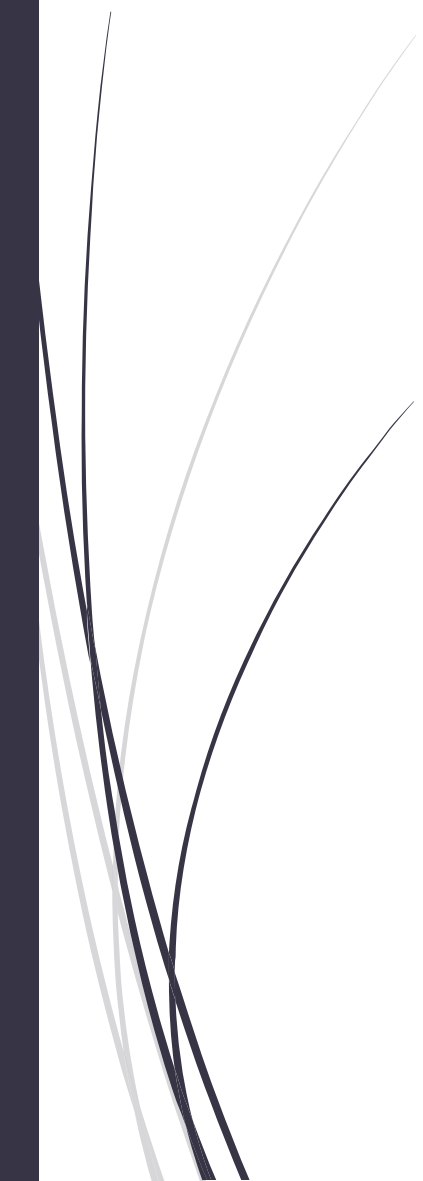
Prof^a. Dr^a. Luciana Suarez Galvão

Primeira turma de formandos e professores (193?) diante da Basílica Abacial Nossa Senhora da Assunção do Mosteiro de São Bento em São Paulo. Foto: Acervo CAPH / FFLCH





Na nossa aula anterior...

- ▶ Analisamos ainda que de forma sucinta o surgimento da *História Econômica* como disciplina no Brasil
 - ▶ Vimos o surgimento do chamado paradigma pradiano, e o conceito de “sentido da colonização”
 - ▶ Discutimos também o conceito de “sentido profundo da colonização” desenvolvido por Fernando Antonio Novais
- 



Na nossa aula anterior...

- ▶ Iniciamos a discussão da contribuição de Celso Furtado
- ▶ Historiador econômico sem ser economista nem historiador
- ▶ Doutorado na Sorbonne; CEPAL; Cambridge; SUDENE; Ministério do Planejamento; cassação e exílio em 1964



Formação Econômica do Brasil: o livro

- Simples, composto por 5 partes:
 - Fundamentos econômicos da ocupação territorial
 - Economia escravista de agricultura tropical
 - Economia escravista mineira
 - Economia de transição para o trabalho assalariado
 - Economia de transição para um sistema industrial
- Poucas referências bibliográficas
- Não há diálogo com os pensadores dos anos 1930
- Não há menção a Caio Prado Júnior – ainda que a influência seja clara desde sua tese de doutorado



O instrumental teórico do livro

- Reconstrução racional feita a partir da análise dos “ciclos” alicerçada na análise dos fluxos de renda
- Ideia clara de economia voltada para fora, pelo menos no início
- Poucas variáveis; poucos instrumentos de análise
- Interesse especial em entender:
 - As origens da indústria no Brasil
 - A formação do mercado de trabalho
 - A criação do mercado interno
 - O deslocamento do centro dinâmico



Principais elementos de análise: alguns destaques

- ▶ Comércio internacional e produtividade: relação entre absorção/liberação de recursos
- ▶ Transações monetárias X transações em espécie: busca por entender o mercado de trabalho e o mercado interno no país
- ▶ Economia de subsistência X economia excedentária: o caráter da produção para o mercado interno
- ▶ Determinação de preços e preços relativos entre o setores interno e de exportação

Depósitos de fatores de produção

Na visão de Furtado, as economias coloniais são depósitos de fatores de produção ociosos ou sub-utilizados: terra, recursos naturais, trabalho [...] A descoberta de minas de ouro e prata, ou o cultivo de produtos de elevada demanda [...] conecta estes recursos à economia mundial. Em outras palavras, o comércio internacional cumpre o papel de mobilizar os recursos antes ociosos e de despertar uma economia adormecida elevando sua produtividade.

Produtividade

As concepções específicas de produtividade utilizadas por Furtado em diferentes partes de sua obra também merecem atenção. De acordo com Furtado, ocorre uma elevação de produtividade em três situações: i. absorção de recursos sub-utilizados; ii. elevação de preços internacionais, um fenômeno típico das exportações primárias; iii. um crescimento de produtividade “smitheano”, típico da manufatura e da indústria.



Aumento de produtividade

[...] uma mudança positiva nos termos de troca e/ou a simples transferência de recursos já existentes para usos mais produtivos – já que conectados a alta demanda e a preços elevados – aumenta a produtividade da economia como um todo.

Fluxos de renda

Nela [economia de plantation escravista] os desembolsos no mercado interno são inexistentes. A situação é ainda agravada pelo fato de os lucros dirigirem-se para foram, para a compra de escravos e equipamentos, o pagamento de dívidas, a aquisição de bens de luxo. O efeito multiplicador não opera e o restante da economia permanece em um estágio de subsistência.



Fluxos de renda

Adicionalmente – e para complicar ainda mais – embora Furtado admita que os bens são trocados em um ambiente monetário, não admite fluxos de moeda entre o “setor de subsistência” e o resto da economia.

Economia de subsistência

O que vem a ser uma “economia de subsistência”? A pergunta é cabida, porque Furtado aplica a expressão a muitas situações diversas. Em uma economia colonial, todas as atividades fora dos núcleos exportadores fazem parte do “setor de subsistência”. [...] O curioso é que o “setor de subsistência”, além de manter as pessoas nele envolvidas, proporciona alimentos para os setores exportadores líderes e para as populações das cidades...

Economia de subsistência

[...] Chega-se a um paradoxo: o “setor de subsistência” produz excedente. Furtado recorre sempre à presença de uma estrutura dual, a qual compreende os setores líderes (produtores de excedente) e a “economia de subsistência”. Na verdade, “subsistência” aparece aqui como sinônimo de baixa produtividade.

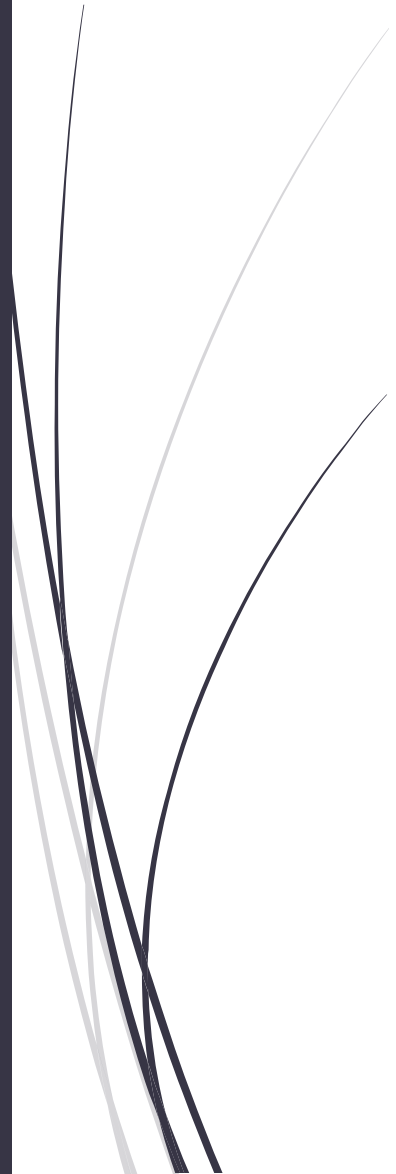
Preços relativos

Se considerarmos que os preços dos produtos de exportação são dados pelo mercado externo, pode-se admitir que a distribuição da renda e os lucros são determinados pelos preços internacionais e pelo nível de subsistência. Para que o modelo seja completo, no entanto, teríamos que fixar os preços dos bens de subsistência, o que implica adotar a hipótese de ausência de restrições à expansão da produção de bens básicos, a custos fixos.



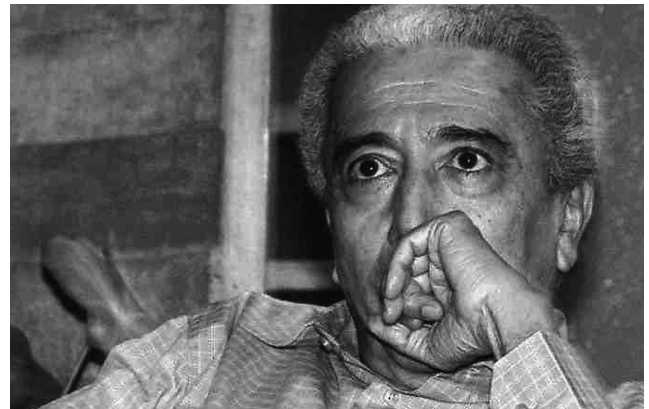
Agonia ou Robustez?

Considerações sobre o evolver da História Econômica brasileira



Caio Prado, Furtado e Novais

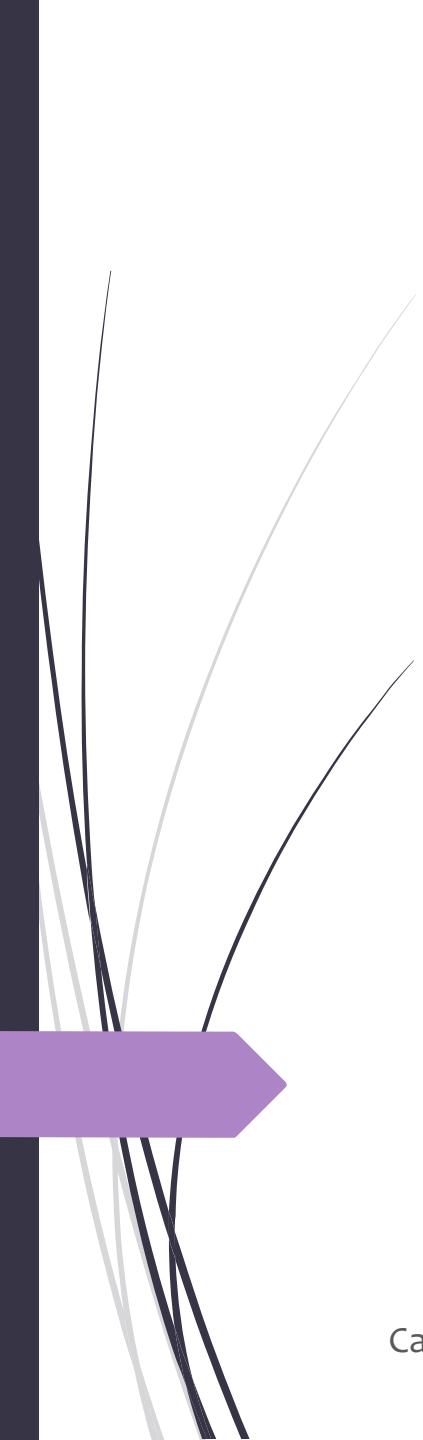
Estabelecido o paradigma



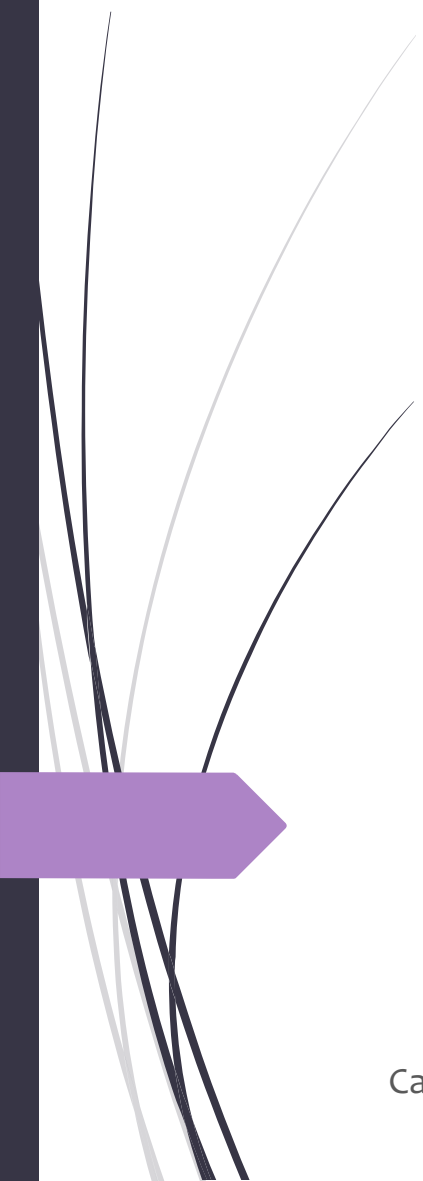


Prado Júnior, Furtado e Novais

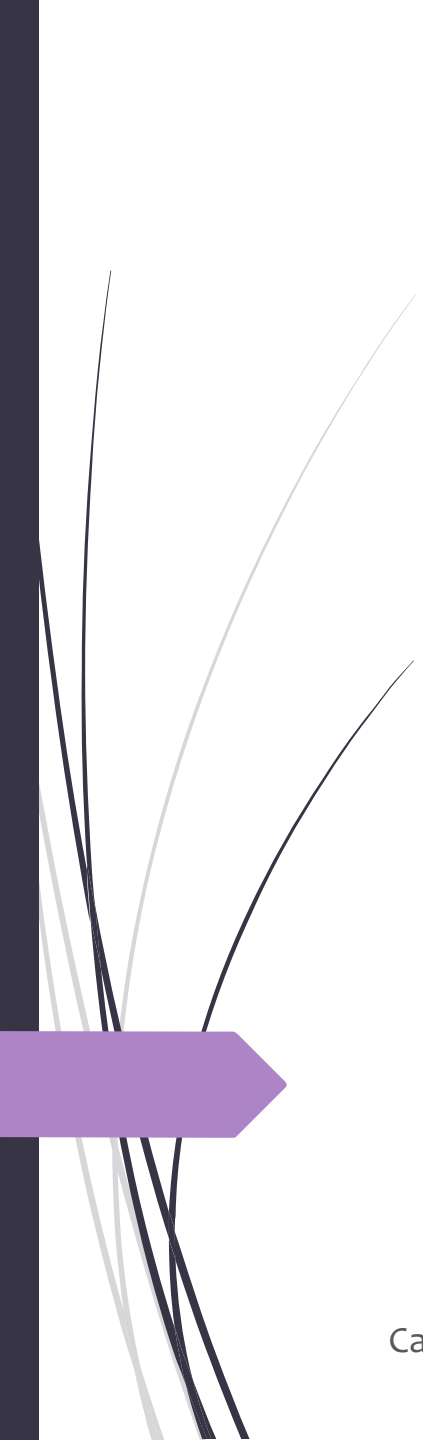
- ▶ Caio Prado Júnior consolida o “paradigma” que leva seu nome
- ▶ Obras de Furtado e Novais podem ser consideradas desenvolvimentos desse mesmo paradigma
- ▶ Críticas ao modelo pradiano também “respingam” sobre os mencionados autores



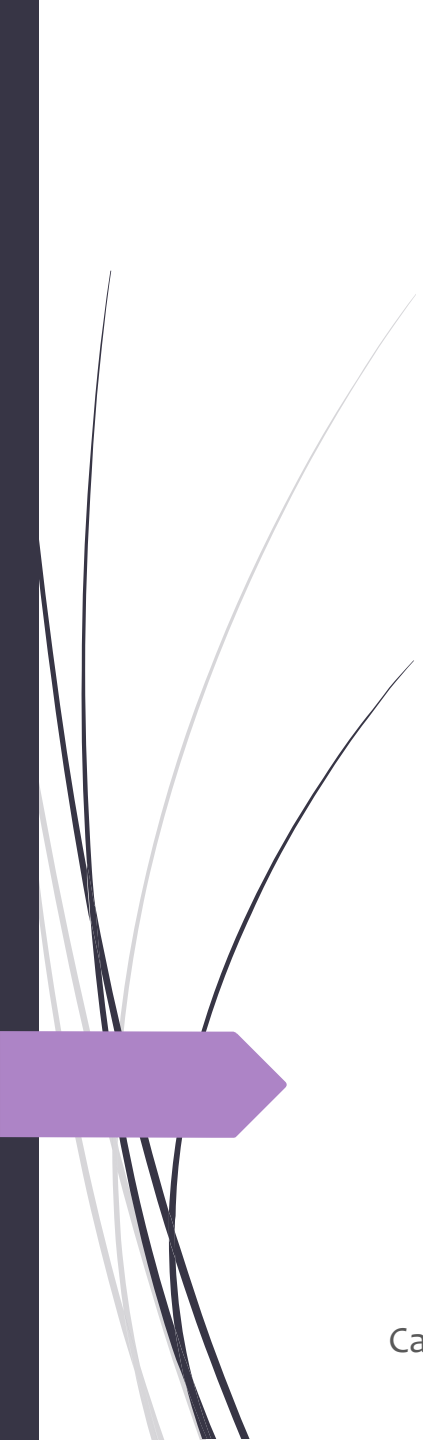
Nesta historiografia [sobre o período colonial brasileiro] sabe-se que a maioria dos autores buscou analisar a realidade colonial brasileira com base nos conceitos desenvolvidos por Marx, ou seja, na linha do Materialismo Histórico, e Caio Prado Jr. foi o pioneiro na aplicação do materialismo histórico à realidade brasileira. Entretanto, apesar de aparentemente partirem de uma mesma concepção teórica, tais autores chegam a resultados muito diferentes.



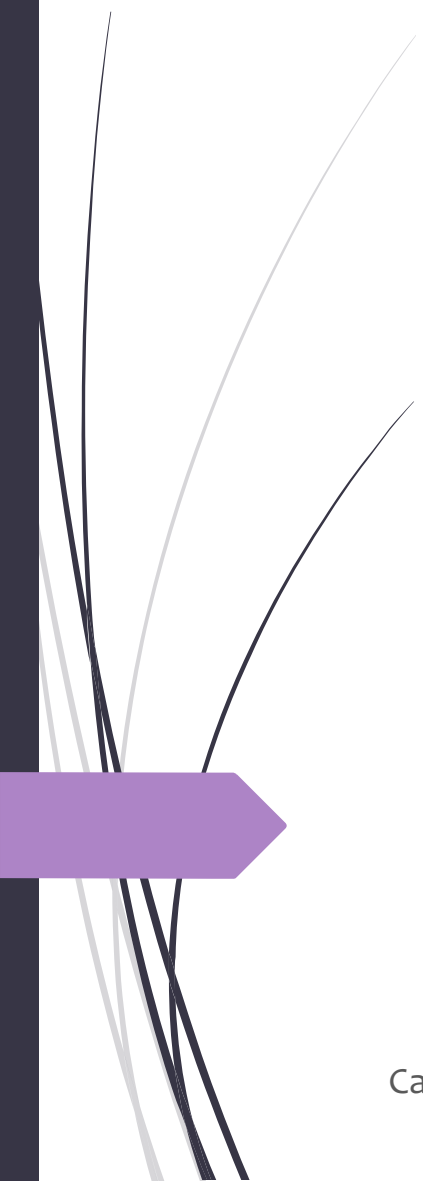
Caio Prado [...] ao ver na colônia um organismo econômico primordialmente voltado ao fornecimento de produtos tropicais e de metais preciosos para o mercado europeu, destaca então este “sentido” da produção colonial, ou seja, seu direcionamento para o mercado externo, que conduzirá toda a obra da colonização e a sociedade colonial.



Em sua obra ‘Formação Econômica do Brasil’, Celso Furtado, ainda que partindo de referencial teórico bastante distinto do de Caio Prado Jr., chega a uma visão do Brasil colônia e, mais ainda, do Brasil das primeiras décadas do século XX, bastante parecida com a visão deste autor. Furtado se concentra no estudo da economia agrário-exportadora para mostrar como essa orientação para o mercado externo baseada no trabalho escravo foi prejudicial e atrasou o desenvolvimento econômico brasileiro [...]



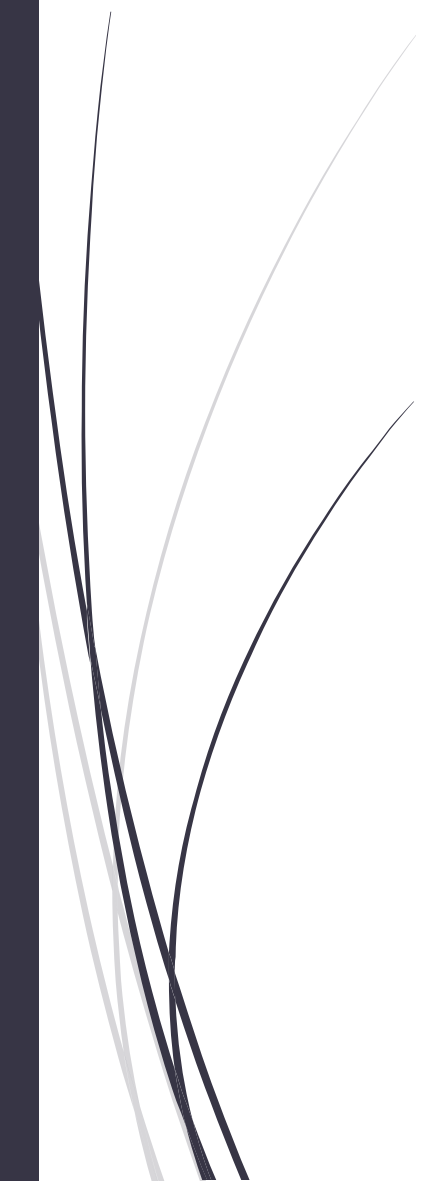
Fernando Novais [...] busca explicitamente, dentro do quadro teórico do marxismo, aprofundar a tese do “sentido da colonização” de Caio Prado Jr. A partir do conceito de Antigo Sistema Colonial, ligado ao Antigo Regime que se caracterizava no campo político pelo absolutismo e no econômico pelas doutrinas mercantilistas, o autor insere o sistema colonial no quadro maior da acumulação primitiva de capital na Europa, que teve como um dos pilares a extração do excedente colonial por meio do monopólio exercido pela metrópole no comércio com as colônias.



Assim, no modelo pradiano, a economia e a sociedade coloniais seriam um mero apêndice de um sistema mais amplo que tem seu centro na Europa, e toda sua dinâmica se subordinaria àquele centro. Não havia aqui espaço para a reprodução de uma sociedade autônoma.



Algumas observações: Novais

- ▶ A questão do “capitalismo comercial”
 - ▶ O tráfico explica a escravidão (adotada como forma de fomentar a acumulação primitiva): escolha feita a partir de um resultado histórico
 - ▶ Seriam de fato as colônias ferramentas de acumulação primitiva de capital?
- 



As principais críticas ao modelo pradiano

Gorender, Barros e Castro e Ciro Flamarion Cardoso

O olhar de Caio Prado Júnior



A crítica/contribuição de Fernando Novais



O “voltar-se para dentro”

Gorender, Barros de Castro, Ciro Cardoso





Gorender

Focalizando atora a linha de interpretação, que se concentrou no mercado e dele fez a chave explicativa da economia colonial, constatamos um resultado invariável desse procedimento metodológico: a sobreposição da esfera da circulação às relações de produção.

Gorender

A desobstrução metodológica impõe a inversão radical do enfoque: as relações de produção da economia colonial precisam ser estudadas de dentro para fora, ao contrário do que tem sido feito, isto é, de fora para dentro [...] A inversão do enfoque é que permitirá correlacionar as relações de produção às forças produtivas em presença e elaborar a categoria de modo de produção escravista colonial na sua determinação específica.

Barros de Castro

Diante do que precede, que dizer do “sentido da colonização”, definido, seja por mercadores, seja pela política colonial? A serem válidas estas colocações, a vida material da colônia seria algo amorfo, uma matéria sem consistência própria, indefinidamente plasmada e replasmada em função de interesses externos. Mas esta concepção parece ser fundamentalmente equivocada.



Barros de Castro

A produção em massa de mercadorias cria raízes no Novo Mundo, objetivando-se sob a forma de um complexo aparato produtivo. O objetivo maior desta realidade – o seu “sentido” se se quiser – lhe é agora inerente: atender as suas múltiplas necessidades, garantir a sua ‘reprodução’.

Barros de Castro

Em tais condições, o comércio é estruturalmente recolocado e os interesses mercantis – bem como os da Coroa – terão necessariamente que ter em conta as determinações que se estabelecem ao nível da produção. Em outras palavras, a forma pela qual os interesses externos atuam sobre a colônia passa a depender “primeiramente da sua solidez e da sua estrutura interna”.

Ciro Cardoso

As sociedades que se constituíram na América Latina e nas Antilhas em decorrência do surto comercial e colonizador da Europa moderna colocam o pesquisador interessado no seu estudo diante de um verdadeiro dilema. Tais sociedades só revelam o seu pleno sentido se foram consideradas como integrantes de um sistema mais vasto, na medida em que surgiram como anexos complementares da economia europeia [...]

CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do “sistema econômico mundial” e do “Antigo Sistema Colonial”: a preocupação obsessiva com a “extração de excedente. In LAPA, José Roberto do Amaral. (org) Modos de produção e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980, pp. 109-110.

Ciro Cardoso

Mas também é verdade que as atividades de conquista e colonização tiveram como resultado o aparecimento de sociedades cujas estruturas internas possuem uma lógica que não se reduz exclusivamente ao impacto da sua ligação com o mercado mundial em formação e com as metrópoles europeias.

CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do “sistema econômico mundial” e do “Antigo Sistema Colonial”: a preocupação obsessiva com a “extração de excedente. In LAPA, José Roberto do Amaral. (org) Modos de produção e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 109-110.



Ciro Cardoso

Por isso, a sua concepção em termos de anexos complementares, de partes constitutivas de conjuntos mais amplos, mesmo sendo – como é – um momento central da pesquisa, é claramente insuficiente.

CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do “sistema econômico mundial” e do “Antigo Sistema Colonial”: a preocupação obsessiva com a “extração de excedente. In LAPA, José Roberto do Amaral. (org) Modos de produção e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980, 110.

Ciro Cardoso

Sem analisar as estruturas internas das colônias em si mesmas, na sua maneira de funcionar, o quadro fica incompleto, insatisfatório, por não poderem ser explicadas algumas das questões mais essenciais (como o porquê das ‘diferenças’ profundas constatáveis na época colonial como na atualidade, entre as estruturas econômico-sociais do México, da Costa Rica e do Brasil, por exemplo).

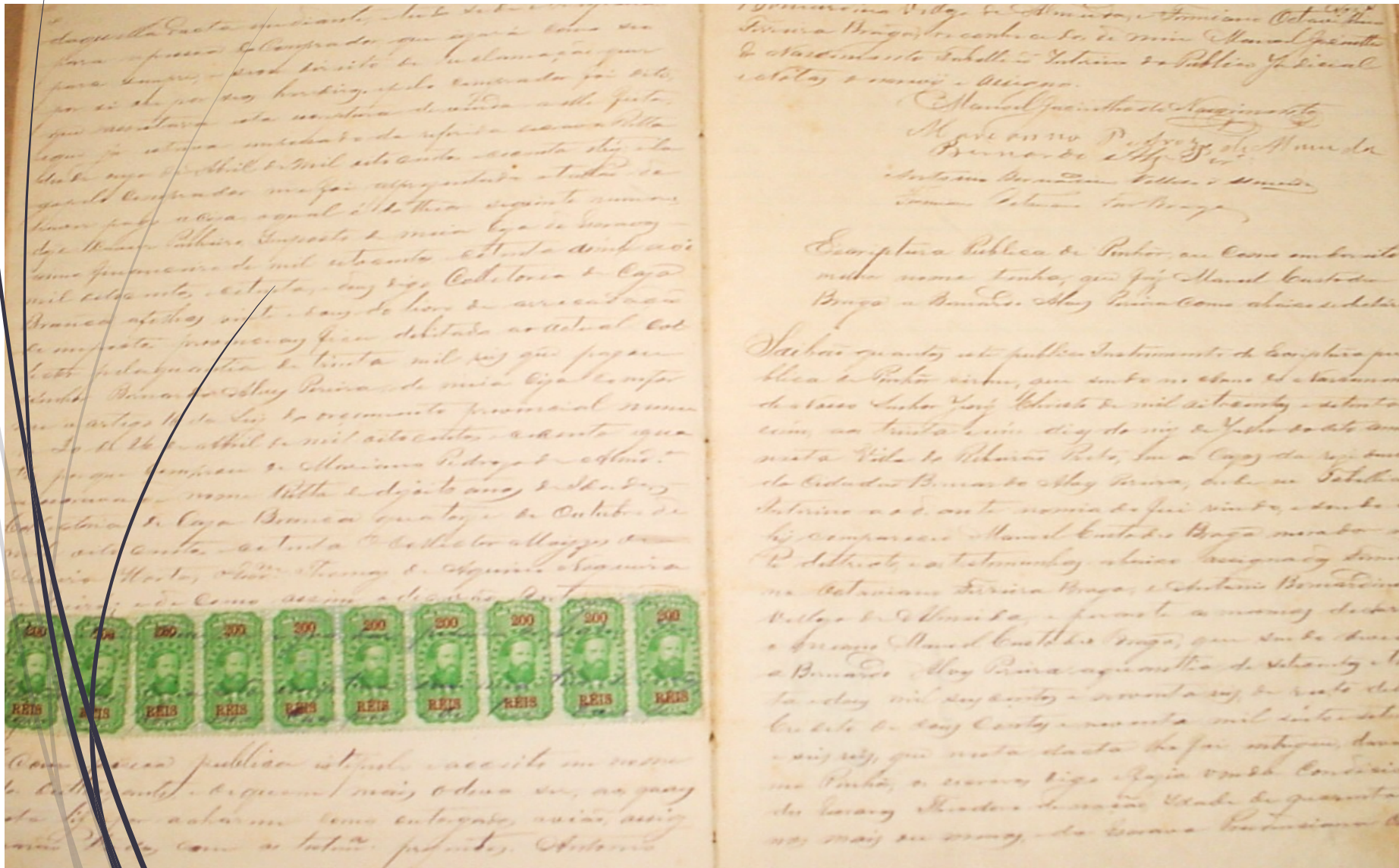
CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do “sistema econômico mundial” e do “Antigo Sistema Colonial”: a preocupação obsessiva com a “extração de excedente. In LAPA, José Roberto do Amaral. (org) Modos de produção e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980, 110.



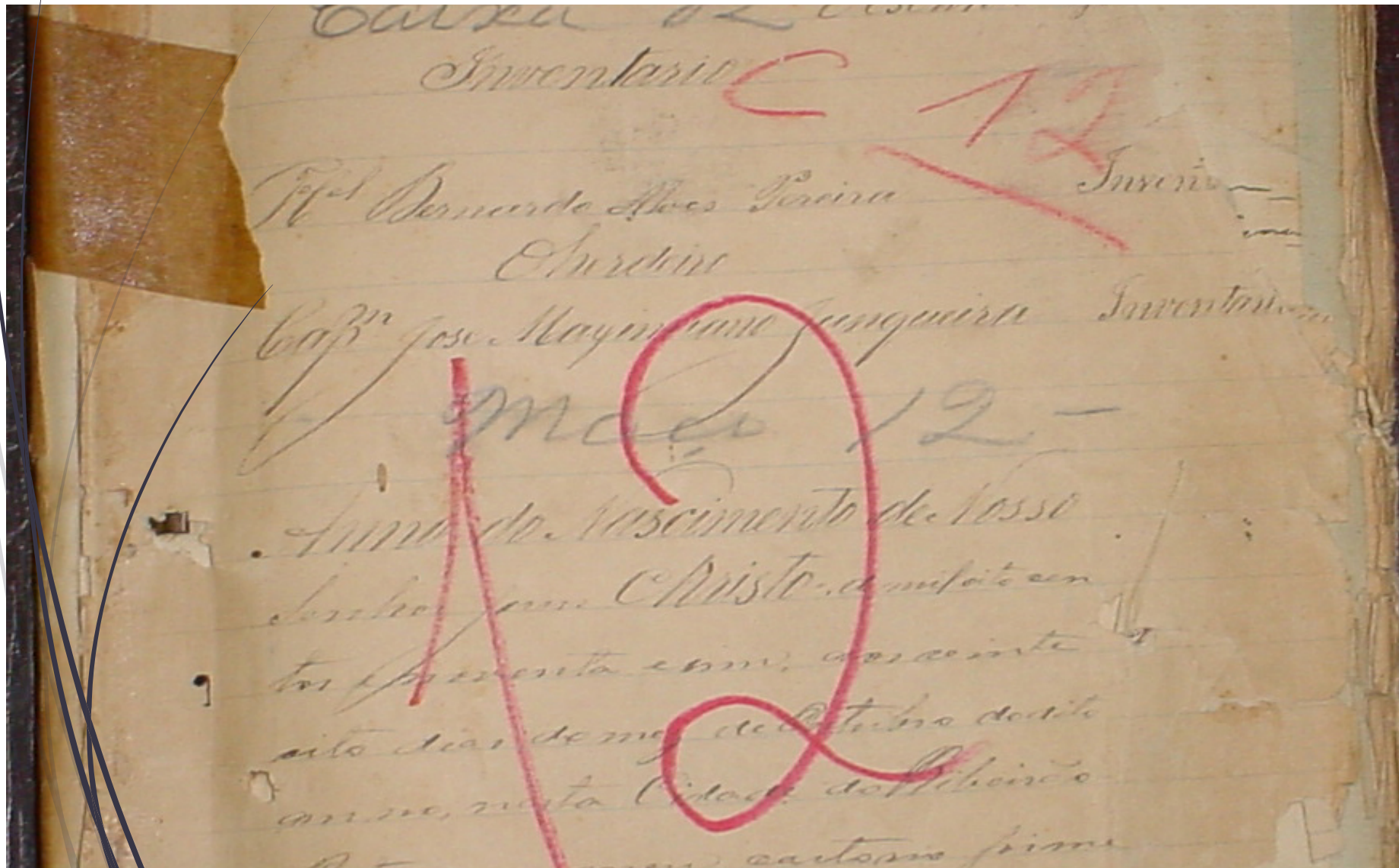
A produção historiográfica recente

- ▶ Fontes primárias, recursos tecnológicos
- ▶ Grandes interpretações *versus* a “cultura da monografia”
- ▶ Resultados monográficos questionando os grandes paradigmas?
- ▶ O escravismo da d. Ana

Fontes cartoriais: livros de registros (hipotecas, compra/venda)



Fontes do judiciário: inventários, processos-
crime, autos de divisão de terras...





Arquivos e repositórios



- Arquivo Público do Estado de São Paulo:
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo>
- Acervo Histórico Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo: <https://www.al.sp.gov.br/acervo-historico/>
- Biblioteca Nacional Digital:
<https://bndigital.bn.gov.br/>
 - Hemeroteca digital - O Farol Paulistano:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700169&pesq=>
 - Coleção de mapas – Mapa do Rio de Janeiro a São Paulo, séc. XVIII:
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart525819/cart525819.pdf



Arquivos e repositórios



- ▶ Internet Archive: <https://archive.org/>
 - ▶ A primeira edição dos registros de Saint-Hilaire (1823):
https://archive.org/details/bub_gb_mEKRRbqwg6oC
- ▶ Family Search: <https://www.familysearch.org/>
 - ▶ [Registros de casamento](#)
 - ▶ [Registros de óbito](#)
- ▶ Memória Estatística do Brasil:
<http://memoria.org.br/>
 - ▶ Primeiro relatório de Ruy Barbosa como ministro da Fazenda, 1891:
<http://archive.org/stream/rmfazenda18891890#page/n5/mod/e/2up>



Resultado: grande número de teses, dissertações e monografias

- ▶ Ferrovias de São Paulo: Paulista, Mogiana e Sorocabana, 1870-1940. Flávio Azevedo Marques de Saes (1874)
- ▶ Vila rica : população (1719-1826). Iraci del Nero da Costa (1977)
- ▶ Minas Gerais: escravos e senhores. Francisco Vidal Luna (1981)
- ▶ São Paulo, 1845-1895: metamorfoses da riqueza. Zélia Maria Cardoso de Mello (1981)
- ▶ A estrutura tributária e as atividades econômicas na capital paulista. Nelson Hideiki Nozoe (1983)
- ▶ Corpos escravos, vontades livres : estrutura da posse de cativos e família escrava em um núcleo cafeeiro (Bananal, 1801-1829). José Flávio Motta (1990)
- ▶ Arraia-miúda : um estudo sobre os não-proprietários de escravos no Brasil. Iraci del Nero da Costa (1992)



Alguns resultados revisionistas

- A grande maioria dos escravistas possuía poucos escravos
- O escravo típico vivia fora do ambiente de plantation
- Escravos como sujeitos históricos
- Agentes ativos dentro do cotidiano escravista brasileiro
- Afastamento do estereótipo do escravo submisso e dócil
- Afastamento da ideia do cativo coisificado

